

tos. Tampei o tanque, acertei o relógio, e lembrei-me de fazer umas reproduções em outra câmara escura. Bem, eu tinha mais uns cinco minutos, e saí para olhar a ordem de serviço. Enquanto o fazia, alguém bateu à porta. Abri. Era o zelador, com o qual costumava conversar. Iniciamos uma conversa, até que fiquei apavorado com o que poderia ter ocorrido com os filmes no revelador. Corri para a câmara escura, bati a porta mas não a tranquei. Apaguei a luz e retirei os filmes. Mergulhei-os no fixador. Passaram-se uns dois minutos nervosos até que pudesse acender a luz amarela e levantar o primeiro rolo. O filme estava escuro. Foi quando ouvi passos do outro lado e fiquei ali, gelado. Senti a mesma coisa que no sonho. Eu tinha sonhado com aquilo! Então entrou a Srta. Bengtsson, e suas palavras foram as mesmas do sonho. Foi terrível! Ainda que eu tivesse decidido contrariar o rumo das coisas, elas aconteceram. Não havia saída, porque os sonhos colocavam juntos todos os elementos, em uma cadeia lógica de causa e efeito. Se, por exemplo, tivesse tentado usar um redutor, também o sonho teria incluído tal tentativa.

Sonhei também com uma mulher sofrendo de diabete e que entrou em choque insulínico porque, depois de tomar as injeções, passara o dia esquiando. E se eu lhe avisasse para tomar menos insulina e comer mais? Calei. No sonho, ela entrara em coma devido ao excesso de insulina e, quando eu o tive, já considerava perdida a batalha contra o destino. Não a avisei, e provavelmente ela não se teria importado se o fizesse. Conhecia suas complicações bem melhor do que eu.

Depois de muitos anos comecei a trabalhar contra esse meu órgão que percebia o futuro, e finalmente pude viver como uma pessoa qualquer. Mas ainda acordo de manhã lembrando-me de um sonho que me diz o que vai acontecer, e nunca me alegro, porque os assuntos são sempre desagradáveis. Infelizmente não conheço qualquer método para selecioná-los. Assim, esta percepção do futuro permanece.

Mas nem todos os sonhos são premonitórios. Stevenson⁷ cita um caso: um japonês sonhou certa noite que uma onda encobria sua cidade. Levantou-se e avisou os vizinhos, que o

levaram a sério e procuraram abrigo antes que a onda viesse e cobrisse realmente a cidade. Mas, no caso, a mudança de vento que sempre precede o maremoto poderia ter sido percebida subconscientemente e provocado o sonho.

No caso 16, o percipiente, normal ou paranormalmente, experimentou a doença latente de sua cunhada, e a percepção lhe veio conscientemente ante a visão de uma cama de hospital. Do mesmo modo, no caso 17, a moça inconscientemente recebeu a informação da doença latente de Elin e o resultado violento da política exterior.

Em outras palavras, Stevenson quer dizer: a informação que chegou à atenção do percipiente de modo paranormal (se isto realmente aconteceu) atua sobre o inconsciente, tornando-se fonte daquilo que parece um sonho premonitório e revelando simplesmente aquilo que o percipiente, no inconsciente, depreendeu da informação. (Por outro lado, o quadro detalhado do vestido de Elin não pode ser explicado desta forma; pelo contrário, trata-se provavelmente de uma verdadeira premonição.)

A visão da jovem sobre o início do conflito pode ser comparada com as visões de C. G. Jung antes da Primeira Grande Guerra⁸:

Pelo outono de 1913, sentia que aumentava a pressão sobre mim, como se houvesse alguma coisa no ar. E na verdade a atmosfera parecia mais pesada do que normalmente. Era como se aquilo não mais se originasse numa condição física, mas numa realidade concreta. E tal sensação parecia cada vez mais intensa.

Em outubro, viajando sozinho, fui tomado de uma visão: vi alguma coisa monstruosa encobrindo as terras ao norte europeu e as baixadas entre o mar do Norte e os Alpes. Ao chegar à Suíça, as montanhas cresciam cada vez mais, como se para proteger o país. Calculei que uma temível catástrofe estava se processando. Vi enormes ondas amarelas, o desmoronamento de uma civilização, e os corpos estirados de milhares de pessoas. Então, todo o mar se transformou em sangue. A visão durou uma hora. Fiquei perplexo, enjoado, e envergonhado de minha fraqueza.

Passaram-se duas semanas e a visão voltou sob as